

"QUE DIREMOS DE SUAS MÁSCARAS ÁLIBIS PRETEXTOS/DE SUAS FINTAS LABIRINTOS E CONTEXTOS?": UMA LEITURA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Eduardo Silva Russell
Orientadora: Ida Alves
Mestrando

Resumo

O presente trabalho, concentrando-se nos ensaios de Sophia Andresen, não deixará de examinar seus poemas, mas tentará se deter nas relações que se podem estabelecer entre sua obra e, em particular, a de outros autores para quem dedica ensaios. Para isso, inicialmente, os ensaios “A poesia de Cecília Meireles”, “Miguel Torga, os homens e a terra” e “Luís de Camões: ensombramento e descobrimento” serão os eixos que conduzirão esse projeto, que tem como propósito estreitar os laços entre os autores, mostrando como Sophia se serve dos poetas sobre os quais escreve.

PALAVRAS-CHAVE: Sophia de Mello Breyner Andresen, Modernidade, Portugal, Século XX.

1. Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, a modernidade portuguesa se ergueu dando sequência ao princípio kantiano de dissociação entre a moral, a arte e a ciência. Os poetas que se reuniram ao redor da revista *Orpheu* celebraram fortemente essa independência, que permitiu ampliar e explorar as fronteiras da criação. Cada vez menos submetida a uma moral, a arte e o seu papel, além do artista e sua missão passam a ser questionados, sobretudo por poetas das décadas subsequentes. Os neorrealistas, por exemplo, foram alguns dos que vincularam a poesia à história, exigindo mais explicitamente um comprometimento e subordinação da arte às questões sociais.

Deve-se salientar que a experiência dos totalitarismos que emergiram na Europa desde finais dos anos 1920 aos anos 1940, e, no contexto português, a instalação do Estado Novo, levou Sophia de Mello Breyner Andresen, entre outros autores, a se deparar com a tarefa de buscar um novo sentido para o fazer poético meio ao caos.

Nesse contexto, desde a publicação de seu primeiro livro, em 1944, Sophia se viu diante de tal missão, pondo-se a pensar a arte de modo particular e, por assim ser, alternativo. Como é frequentemente apontada pela crítica como uma poeta que fala sobre vento, mar, pedras, tem-se que ressaltar que a autora em questão tenta encontrar um caminho entre o comprometimento e a autonomia para sua criação, não configurando a temática da natureza, por exemplo, um ato de alienação à circunstância histórica em que se encontra. Sobre isso nos fala a própria Sophia em sua “Arte Poética III”.

Não filiada a nenhum grupo específico, apesar de publicar com outros autores, como Jorge de Sena, nos “Cadernos de Poesia”, Sophia se vê com o dever de manter a arte dentro de um campo superior ao mundano, mas que ao mesmo tempo se posicionasse contra o fascismo que afligia seu tempo.

Além de escrever poemas, a autora dedicou parte de suas produções a prosa, contos infantis, peças teatrais, traduções e ensaios. Ao basear-se neste último gênero textual, este trabalho tem como objetivo apresentar o modo pelo qual a formulação de premissas críticas por parte dela sobre a obra de outros poetas de língua portuguesa auxilia na compreensão de seu próprio entendimento sobre a poesia.

Cecília Meireles, Miguel Torga e Luís de Camões são alguns dos poetas sobre os quais escreve ensaios. Ora diversas, ora semelhantes, as colocações levantadas a respeito desses escritores auxiliam na compreensão do universo poético andreseniano,

como se ao falar deles, estivesse falando de si mesma. Por isso, acredita-se que estudá-las ajudará a entendê-la enquanto poeta no seu tempo e circunstância.

O presente trabalho, concentrando-se nos ensaios de Sophia Andresen, não deixará de examinar seus poemas, mas tentará se deter nas relações que se podem estabelecer entre sua obra e, em particular, a de outros autores para os quais dedica ensaios. Para isso, inicialmente, os ensaios “A poesia de Cecília Meireles”, “Miguel Torga, os homens e a terra” e “Luís de Camões: ensombramento e descobrimento” serão os eixos que conduzirão esse projeto, que tem como propósito estreitar os laços entre os autores, mostrando como Sophia se serve dos poetas sobre os quais escreve.

2. Pressupostos teóricos

2.1. Sophia e o texto ensaístico

Primeiramente, tomando como base as teorias levantadas por Theodor Adorno, no texto “O ensaio como forma”, faz-se importante destacar que tal gênero textual é feito por meio de reflexão e também através de um árduo processo de interpretação, que não tem como objetivo chegar, necessariamente, a uma compreensão meramente lógica e total sobre determinado assunto. Na verdade, o ensaio não segue os moldes científicos, “não se limita só a prescindir da certeza livre da dúvida, quando rompe o ideário desta” (ADORNO, 2003, p. 177).

Ao contrário do pensamento axiomático, portanto, “o ensaio se torna verdadeiro em seu avanço, que o empurra para além de si mesmo, e não na obsessão por ‘fundamentos’ como quem cava em busca de tesouros” (ADORNO, 2003, p. 177). Assim, por ser elaborado, muitas vezes, a partir da composição de outrem, esse texto parte da experiência particular que cada autor tem diante do objeto com o qual se depara. Essa experiência, escorada em um contexto concernente ao momento em que é redigido, consiste em

uma referência a toda história; a experiência apenas individual, como a que tem início a consciência como aquilo que lhe é mais próximo, está ela mesma já mediada pela experiência mais abrangente da humanidade histórica; e a concepção de que, ao invés disso, a experiência da humanidade histórica seja mediada, mas o individual seria em cada caso o imediato, isso é mero auto-engodo da sociedade e da ideologia individualistas (ADORNO, 2003, p. 174).

À luz dessa reflexão, pode-se dizer que Sophia, enquanto ensaísta, não apresenta pura e simplesmente as suas impressões sobre a obra de outros autores sem que haja,

por trás disso, uma construção reflexiva acerca da arte. Em meio às publicações de seus ensaios, é possível verificar que o motor condutor de seus textos vai para além da caracterização dos poetas e das ponderações das produções deles. Um universo maior, que tenta verificar o papel da arte e do artista, estabelecer meandros para poesia, dialogar com a história, entre outros, é paulatinamente abrangido por suas palavras.

A título de exemplo, podemos notar que quando, na “Arte Poética I”, de 1962, Sophia escreve sobre a “ânfora de barro pálido” (metáfora do poema), que está diante de tempo em que há a “aliança ameaçada”, a “aliança quebrada” e o “reino vulnerável” (menções aos tempos de salazarismo), é possível notar que seu texto anseia, *grosso modo*, manter a arte dentro de um campo superior ao mundano, mas que ao mesmo tempo se posicione contra o fascismo que aflige seu tempo:

Olho para ânfora na pequena loja de barros. Aqui paira uma doce penumbra. Lá fora está o sol. A ânfora estabelece uma aliança entre mim e o sol.

Olho para ânfora igual a todas as outras ânforas, a ânfora inumeravelmente repetida mas que nenhuma repetição pode aviltar porque nela existe um princípio incorruptível.

Porém, lá fora na rua, sob o peso do mesmo sol, outras coisas me são oferecidas. Coisas diferentes. Não têm nada de comum nem comigo nem com o sol. Vêm de um mundo onde a aliança foi quebrada. Mundo que não está religado nem ao sol nem à lua, nem a Ísis, nem Deméter, nem aos astros, nem ao eterno. Mundo que pode ser um habitat mas não é um reino (ANDRESEN, 1995, p. 835).

Sobre isso, a professora Helena Carvalhão Buescu, da Faculdade de Letras de Lisboa, que dedica parte dos seus estudos à Literatura Portuguesa do século XX, esclarece que no “país” de Sophia de Mello Breyner Andresen “uma espécie de biografia que não é apenas biografia circunstancial – mas uma certa forma de atestação existencial de valores estéticos que são, intrinsecamente, também éticos” (BUESCU, 2005, p. 47). Ao usar “biografia” para estabelecer o eixo conduzirá sua reflexão acerca da poesia de Sophia, Helena Buescu salienta que

faz e não faz sentido falar de biografia: não faz se a pensarmos apenas como escalonamento de uma existência pessoal, que se cumpre em datas e factos designáveis; mas faz sentido, se acompanharmos o pensamento de Sophia e pensarmos que uma certa impessoalidade não é incompatível (não pode ser) com uma forte presença de um humano perante os outros humanos, as coisas e a história que com ele habitam o mundo. Essa presença não é uma presença abstracta – antes pelo contrário, resolve-se na concretudo e na imediatez do dia, tal como ele se apresenta e é vivido por cada um. E por isso, se não podemos falar de uma biografia *ao modo* romântico, em que a sobreposição torna indistinta (ou quer tornar indistinta) a fronteira entre vida e escrita, e em que esta se apresenta fundamentalmente como uma modalidade marcada daquela, podemos apesar de tudo falar de uma instância biográfica que é implicada pela escrita, não no sentido em que pessoaliza e subjectiviza, tornando única a experiência, mas no sentido em que atesta a presença de

uma dimensão vivencial que torna tal experiência comunicável e partilhável (BUESCU, 2005, p. 47).

Nessa perspectiva, então, a obra de Sophia poderia ser examinada a partir de diversos vieses: a investigação de como sua arte aponta para uma tomada de consciência própria sobre o que é fazer poesia e a relação da sua poesia com o mundo, como confirma o poeta e ensaísta Joaquim Manuel Magalhães:

A poesia de Sophia Andresen vive de um sortilégio peculiar: o do conflito entre a aspiração e uma plenitude silenciosa, um retorno fulgurante ao sentido espiritual profundo da existência e a declaração ética diante de uma comunidade, o rumor insistente e partilhável em busca de uma justiça acreditada, de uma viabilização da utopia pressentida (MAGALHÃES, 1981, p. 59).

Portanto, partindo do pressuposto de que as leituras de ensaios aludem, automaticamente, às disposições individuais que motivaram a autora portuguesa no processo de desenvolvimento desses textos, é possível dizer que a sua concepção poética é trazida à luz por um processo de despersonalização, no qual enquanto leitora de poetas, Sophia pode ser lida.

2.2. Sophia lê outros autores

Silvina Rodrigues Lopes, em *Exercícios de aproximação*, diz que “A poesia de Sophia, como toda poesia moderna, pensa-se a si própria e é, em larga medida, o pensamento da sua própria possibilidade, isto é, da possibilidade de uma relação própria com as coisas e com os outros” (LOPES, 2003, p. 52). Isso justificaria, em alguma medida, o ato de seleção de autores por parte de Andresen, mostrando que ao se debruçar em Cecília, paralelos em seus entendimentos poéticos podem ser traçados com os dela.

Em 1956, Sophia escreve um ensaio sobre a poesia de Cecília Meireles, no qual, além de analisar poemas, reflete a sua própria concepção poética.

No ensaio “A poesia de Cecília Meireles”, Sophia declara que “A beleza e a verdade dum poema de Cecília Meireles têm que ser vivida” (ANDRESEN, 1956, p. 61) e, só assim, “a limpidez da sua linguagem, a densidade de cada palavra, a exatidão das suas imagens, a nudez do seu pensamento, a serenidade da sua atitude, a ressonância grave e profunda da sua voz” (ANDRESEN, 1956, p. 61) poderiam revelar “qual é a sua atitude em frente do mundo e qual é a sua atitude frente de si própria” (ANDRESEN, 1956, p. 61). Contudo, ao confessadamente expor que é necessário viver a poesia de

Cecília, ela se une e se confunde com a autora, o que subsidia a afirmação de que ao pensar a arte cecilianiana, Sophia reflete sobre sua própria poesia.

Além de Cecília, Torga comparece aos estudos da escritora e, em 1976, há a publicação de “Torga, os homens e a terra”, em que mais uma vez se pode observar um diálogo entre poetas.

Em “Holderlin ou o lugar do poeta”, Sophia atribui tarefas ao que quer ser poeta, dizendo ser essencial para o encontro com o inteiro “fazer com que o terrestre não se perverta em mundano” (ANDRESEN, 1967, p. 2), o que se aplicaria, nas palavras dela mesma, a Miguel Torga. É dito que a poesia dele é “fundamentalmente a busca da fidelidade no Terrestre, a busca da aliança sem mácula do homem com o Terrestre; a busca da inteireza do homem no Terrestre (ANDRESEN, 1976, p. 1). O que é dito sobre Torga, portanto, serviria também a Sophia, uma vez que suas convicções expressar no ensaio a respeito do *lugar do poeta* estão em consonância com o projeto do autor que examina.

Em 1980, para ocasião do “Ciclo de Colóquios Camonianos”, na Universidade de Coimbra, a autora de “A poesia de Cecília Meireles” escreve sobre Luís de Camões. Apesar da referência direta no ensaio “Luís de Camões: ensombramento e descobrimento”, ressalta-se que não é apenas nesse TEXTO que a autora o cita. Na verdade, ao longo de suas publicações, são vários os momentos em que se pode ver a presença dele. Isabel Almeida em “Se nenhum amor pode ser perdido: Sophia e Camões” nos diz que:

Relacionar Sophia de Mello Breyner Andresen e Camões tem por base uma convicção e uma evidência. A convicção de que Camões é um autor canônico e clássico, e a evidência de que a poesia se faz também de poesia. Em abstracto, teoricamente, justifica-se sem custo uma busca de laços, a prática de Sophia convida a explorá-la. São laços apregoados em títulos “Gruta de Camões”, “Um soneto à maneira de Camões”, “Camões e a tença” (ALMEIDA, 2013, p. 252).

Também sobre esse autor é possível ver que muitas das observações feitas no texto a ele dedicado estão em conformidade com as feitas nos textos de caráter mais teórico da lusófona.

Logo no início do ensaio, adverte-se que a “poesia é o contrário de uma instituição”. Porém, essa advertência vem seguida da constatação de que Camões foi transformado em uma instituição para atender às demandas do regime salazarista. No intuito de entender essa denúncia, é válido lembrar que durante o governo de Salazar houve a tentativa de reanimar a economia portuguesa para diminuir a defasagem de

desenvolvimento industrial e tecnológico que separava o país do resto da Europa. Além de investimentos no segundo setor, o projeto do Estado Novo português contava com a censura, mas, só isso não era suficiente para efetivação do plano. Era preciso que a população acreditasse no discurso do progresso econômico e aderisse à ideia dele, mesmo diante de todos os obstáculos que as circunstâncias impunham (FIGUEIREDO, 1976, p. 35).

Ao refletir acerca dessa apropriação de Camões pela ditadura, Sophia de Mello Breyner Andresen diz no ensaio que ao poeta “aconteceu mesmo não só ter sido transformado em instituição, mas também – e para vergonha de todos nós – ser uma instituição usada e manipulada ao longo dos tempos pelas diversas estratégias do poder” (ANDRESEN, 1980, p. 150).

Sua denúncia parte do pressuposto de que um poema não pode servir a um propósito utilitarista, ainda mais se for a ele for atribuída a função de mantenedor de atitudes agressivas e repressoras, como eram as do Estado Novo. A vergonha que a autora revela sentir não fica restrita apenas ao fato de que houve um uso inadequado da obra de Camões, mas também tem a ver com a transfiguração da poesia para fins contrários aos dos poetas. Deve-se notar que o projeto poético de Sophia se baliza, entre outras coisas, na busca por uma poesia que mostre a “relação pura do homem com as coisas. Isto é: uma relação do homem com a realidade, tomando-a na sua pura existência” (ANDRESEN, 1960, p. 3).

O que se percebe, portanto, é que um compromisso poético é revelado no processo de escritura, uma vez que Sophia não apenas escreve sobre artistas de Língua Portuguesa, mas se inscreve nos objetivos deles. O que se verifica é que ao falar sobre Cecília Meireles, Miguel Torga e Luís de Camões, ela experimenta uma situação de reconhecimento, no qual se confunde com os poetas. Assim, é possível ver na tomada de consciência deles a sua própria.

Diante da multiplicidade de comparações que podem ser traçadas, deve-se dizer que o detalhamento delas requer maior aprofundamento teórico, que será desenvolvido durante o mestrado.

3. Metodologia

Visto que essa pesquisa se baseia, sobretudo, na análise e reflexão de dados obtidos a partir da leitura da moderna poesia portuguesa, será necessária a obtenção de

acervo teórico a respeito da literatura em questão, sem deixar de lado pontos históricos que possam ser relevantes para o desenvolvimento do projeto.

No intuito de compreender o desenvolvimento da produção ensaística de Sophia de Mello Breyner Andresen, o levantamento de hipóteses será, inicialmente, feito por meio dos paralelos que seus textos de caráter mais teórico podem estabelecer com seus poemas, por exemplo.

Além disso, tendo em vista que seus textos de caráter mais teórico fazem menção a alguns fatos e autores pontuais, será feito o levantamento dessas referências, uma vez que estamos diante da tentativa de tentar entender o porquê de Sophia ler determinados poetas em determinadas circunstâncias a fim de aprofundar possíveis reflexões.

Por fim, como forma de validar os discursos levantados e, também, sugerir novos questionamentos para crítica da produção andreseniana, a fortuna crítica será constantemente lida, examinada e confrontada.

Considerações finais

É possível dizer que a confirmação da relação entre as obras de Sophia de Mello Breyner Andresen com os outros autores vem, principalmente, da publicação dos ensaios, em que Sophia descreve a poesia de Cecília Meireles, Miguel Torga e Luís de Camões em termos que se poderiam aplicar à sua própria poesia. Dessa forma, tem-se por objetivo aprofundar o estudo das composições ensaísticas da autora, traçando não apenas reflexões dentro desses textos, mas, a partir deles tentar investigar, por exemplo, a sua forma de compor poemas.

Além disso, tendo em vista o texto “Itinerário poético de Sophia”, escrito por Maria de Lourdes Belchior e publicado na 89ª edição da *Colóquio Letras*, sabe-se que a poesia da autora sofre mudanças ao longo das publicações, o que nos instiga a confrontar seus ensaios com os poemas, tentando criar relações entre as temáticas, por exemplo, de seus versos em determinado momento com as abordagens levantadas sobre outros autores em seus ensaios em períodos próximos.

Aproveitando-se das artes poéticas e textos teóricos que se ocupam, entre outras coisas, com a descrição dos motivadores e objetivos da sua escrita, é possível que mais diálogos possam ser desenvolvidos, uma vez que é possível, por exemplo, observar a teoria sobre o poema e a materialização deles em seus livros de poemas.

Nessa perspectiva, visando explorar uma Sophia pouco observada pela crítica, a Sophia ensaísta, o projeto almeja ampliar as fronteiras dos estudos relacionadas à autora portuguesa, esmiuçando, em sua vasta produção, textos que recebem menos relevo, mas que são fundamentais para compreensão das diretrizes que conduzem a modernidade em Portugal.

Referências

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. O ensaio como forma. In: *Notas de literatura*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

ALMEIDA, Isabel. “Se nenhum amor pode ser perdido”: Sophia e Camões. In: *Sophia de Mello Breyner Andresen - Actas do Colóquio Internacional*. Lisboa: Porto Editora, 2013.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Lisboa: Caminho, 1995.

_____. A poesia de Cecília Meireles. *Cidade Nova – Revista de Cultura*. IV Série, nº 6, 1956.

_____. Poesia e realidade. *Colóquio – Revista de Artes e Letras*, nº 8, 1960.

_____. Hölderlin ou o lugar do poeta. *Jornal do Comércio*, 30-31 de dezembro de 1967, suplemento Letras Artes Actualidade, p. 1 e p. 11.

_____. Torga, os homens e a terra. *Boletim da Secretaria de Estado da Cultura*. Dezembro, 1976.

_____. Luís de Camões: ensombramento e descobrimento. *Caderno de Literatura*, 1980.

BELCHIOR, Maria de Lourdes. Itinerário poético de Sophia. *Colóquio-Letras*. n. 89. Janeiro, 1986.

BUESCO, Helena Carvalhão. *Cristalizações: Fronteiras da Modernidade*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, 2005.

COELHO, Eduardo Prado. Sophia, a lírica e a lógica. In: *A mecânica dos fluidos: literatura, cinema, teoria*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

FERREIRA, José Medeiros. *História de Portugal: Portugal em transe (1974 – 1985)*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.

FIGUEIREDO, Antônio de. Salazar – O Seminarista e o Nacionalista. In: *Portugal: 50 anos de ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

LOPES, Silvina Rodrigues. *Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Lisboa: Comunicação, 1990. Coleção Textos Literários.

_____. Escutar, nomear, fazer paisagens. In: *Exercícios de aproximação*. Lisboa: Vendaval, 2003.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. Sophia de Mello Breyner Andresen. In: *Um pouco da morte*. Lisboa: Presença, 1989.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. Portugal Maio de Poesia 61. Vila da Maia: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.